

GUIMARÃES ROSA E DELEUZE: A TERCEIRA MARGEM

Francisco Júnior Damasceno Paiva

Filosofia, UFPB

Introdução

Através de seus estudos Michel Foucault efetuou um amplo diagnóstico da sociedade contemporânea, particularmente, sobre o fenômeno da loucura. Esse trabalho foi seguido por Gilles Deleuze, que realizou uma grande reflexão e atualização desse pensamento.

Nesta comunicação pretendemos enfocar quatro conceitos fundamentais desses pensadores. Os conceitos *sociedades disciplinares*, *sociedades de controle*, *loucura* e *devir* serão analisados tendo como base dois textos de Deleuze, confrontando-os com um conto de Guimarães Rosa e comparando-os, *en passant*, com o conto *O alienista*, de Machado de Assis.

1. A disciplina, o controle e a “terceira margem”

Abordaremos aqui a temática da resistência às sociedades de controle em Foucault e Deleuze a partir do conto *A terceira margem do rio* de João Guimarães Rosa.

É possível fazer diversas leituras de uma obra de arte, de um texto literário, principalmente, tratando-se de um escrito de Guimarães Rosa.

O que provoca e dá origem ao conto é um fato, ou melhor, um acontecimento: “mas se deu que, certo dia nosso pai mandou fazer para si uma canoa” (ROSA, 2005:77). Esse acontecimento, que foge, que escapa ao controle e à compreensão dos outros, permanece, até o final do conto, inexplicável. Mas é ele que modifica a vida dos envolvidos naquele drama, do pai, do filho, da mãe, dos irmãos, dos parentes, dos vizinhos, dos

conhecidos, do povo do lugar e até dos que vieram de longe atraídos pelo acontecido: “aquilo que não havia, acontecia” (ROSA, 2005:78). O pai decide ir para a canoa e não sair mais de dentro dela. Não desembarcou mais em nenhuma das margens do rio. Também não deu nenhuma explicação. Não falou nada. Mas muito se falou. Todos tinham alguma opinião sobre o que levava aquele homem a tal feito: doideira, alguma doença, promessa, visão do dilúvio. Nenhuma, porém, confirmada. No entanto, o inexplicável, o incrível, o inédito, o novo move as pessoas e altera a vida, os fatos, a história.

De certa forma podemos dizer que a terceira margem do rio existe e não existe ao mesmo tempo. Ela é uma invenção do pai, daquele homem que resolveu morar dentro da canoa. Mas ela é habitada, na verdade, pelas pessoas que estão nas duas margens do rio. Porque ela é também uma criação coletiva. Nós imaginamos novos espaços – tempos e, ou temos a coragem de saltar neles ou, por medo, fugimos para as margens da segurança. Mas parece que o que interessa mesmo é o rio.

No início do conto o narrador diz: “Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação” (ROSA, 2005:77). Portanto, todos os seus atos eram previsíveis, razoáveis, controláveis. Podemos dizer que ele tinha elementos das três formas de sociedade diagnosticadas por Foucault e Deleuze.

No histórico que Deleuze faz em seu texto “*Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*”, ele enumera esses três modelos de sociedade: as sociedades de soberania (onde prevalecia a Forma-Deus), que vai até o século XVII; as sociedades disciplinares (onde prevalecia a Forma-Homem), nos séculos XVIII, XIX e início do século XX, estas duas profundamente analisadas por Foucault; e, hoje, as sociedades de controle, que vivem a crise das sociedades de disciplina e apontam para a necessidade de sua própria substituição.

As sociedades disciplinares procedem à organização dos grandes meios de confinamento: a família, a escola, a caserna, a fábrica, o hospital, a prisão. Eles exigem e modelam os corpos dóceis. Deleuze nos lembra que:

“Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares” (DELEUZE, 1992:219).

Mas já não vivemos nas sociedades de disciplina, estas estão mergulhadas numa crise generalizada de todos os meios de confinamento: prisão, hospital, fábrica, escola, família. Para Deleuze, a família também é uma instituição em crise, como qualquer outra, e todas estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Portanto, “Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares” (DELEUZE, 1992:220).

Na seqüência do texto Deleuze compara a lógica das sociedades de disciplina com a das sociedades de controle. Vários elementos diferenciam uma da outra. As sociedades disciplinares são variáveis independentes. Elas possuem uma linguagem analógica. O modelo é a fábrica, não se para de recomençar. Elas têm dois pólos: o indivíduo (a assinatura) e a massa (o número de matrícula). O dinheiro é a moeda (padrão). O animal que a representa é a velha toupeira. Nelas o homem é um produtor descontínuo de energia. Elas têm por equipamento máquinas energéticas. O capitalismo é de concentração, para a produção, e de propriedade. O mercado é conquistado ora por especialização, ora por colonização, ora por redução dos custos de produção.

As sociedades de controle são exatamente o contrário. Primeiro elas são variações inseparáveis. Sua linguagem é numérica. O modelo é a empresa, nunca se termina nada. Vale agora a cifra (senha) e o mercado. O dinheiro sofre trocas flutuantes. O animal que a representa é a serpente. Nelas o homem é ondulatório. As máquinas são de uma terceira espécie, são máquinas de informática e computadores. O capitalismo é dispersivo e de sobre-produção, voltado para o produto, a venda ou o mercado. As conquistas de mercado se fazem por tomada de controle, por fixação de cotações e por transformação do produto.

Deleuze nos lembra que disso tudo o mais grave é que a empresa possui uma alma:

“O serviço de vendas tornou-se o centro ou a ‘alma’ da empresa. Informam-nos que empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O *marketing* é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores” (DELEUZE, 1992:224).

Tomando como exemplo a questão dos salários Deleuze ilustra bem a situação nas duas formas de sociedades. Nas sociedades disciplinares a fábrica estabelecia um ponto de equilíbrio, na verdade, o mais alto possível para a produção e o mais baixo possível para os salários; mas nas sociedades de controle a empresa substituiu a fábrica. Nas palavras de Deleuze:

“A fábrica constituía os indivíduos em um só corpo, para a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento na massa, e dos sindicatos que mobilizavam uma massa de resistência; mas a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexplicável como sã emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo” (DELEUZE, 1992:221).

É o fim do indivíduo. Assim como o átomo, as sociedades de controle conseguiram o que até então parecia impossível, instaurar uma cisão inédita no interior do indivíduo:

“A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se ‘dividuais’, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’” (DELEUZE, 1992:222).

Diante desse quadro o futuro não parece muito animador para a humanidade. O programa de implantação dos controles que Deleuze apresenta, de forma sucinta, no final desse texto, comprova esse prognóstico. Mudanças no regime das prisões, das escolas, dos hospitais, de empresas são exemplos que nos permitem compreender melhor a crise das instituições do modelo disciplinar e a instauração de um novo regime de dominação, as sociedades de controle.

2. Linguagem, controle e devir

No conto “*A terceira margem do rio*” o pai do narrador conseguiu escapar de todas as formas de controle: “nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais” (ROSA, 2005:78).

Numa entrevista a Toni Negri, publicada com o título “*Controle e devir*”, Deleuze aponta para a possibilidade de movimentos de resistência às sociedades de controle. Ele distingue o devir e da história. O devir não é a história. O futuro é feito de acontecimentos não históricos. O acontecimento, como dizia Nietzsche, em seu devir, escapa à história. É o que ele chama também de o “intempestivo” (DELEUZE, 1992:211).

Deleuze nos diz que “a única oportunidade dos homens está no devir revolucionário” (DELEUZE, 1992:211). Há uma necessidade de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaços-tempos. É preciso escapar aos controles, os atuais e os que virão. Os movimentos artísticos e revolucionários buscam inventar esses novos espaços-tempos. Eles terão que ser constituídos para além do capital, pois no capitalismo só uma coisa é universal, o mercado: “não existe estado universal, justamente porque existe um mercado universal cujas sedes são os Estados, as Bolsas. Ora, ele não é universalizante, homogeneizante, é uma fantástica fabricação de riqueza e de miséria” (DELEUZE, 1992:213).

Diante de tudo isso Deleuze confessa: “a vergonha é não termos nenhum meio seguro para preservar, e principalmente para alçar os devires, inclusive em nós mesmos” (DELEUZE, 1992:213).

No conto, ainda referindo-se ao pai, o narrador diz: “e nunca falou mais palavras, com pessoa alguma... mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para outra banda...” (ROSA, 2005:78-79). Deleuze nos lembra que talvez a fala, a comunicação, esteja apodrecida: “é preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 1992:217).

Apesar de tudo isso Deleuze conclui essa entrevista acreditando ser possível, mesmo sem uma “volta” ao sujeito, novos tipos de acontecimentos, novas maneiras de pensar, que nos levem além das sociedades de controle:

“Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desposaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos” (DELEUZE, 1992:218).

No final do conto *A terceira margem do rio*, o narrador diz: “Ninguém é doido. Ou, então, todos” (ROSA, 2005, p. 81). A partir dessa constatação, podemos pensar sobre os estudos de Foucault e de Deleuze acerca da loucura. O Dr. Simão Bacamarte, no conto *O alienista*, de Machado de Assis, tem uma intuição interessantíssima: depois de observar atentamente os pacientes da Casa de Orates e os habitantes da pequena Itaguaí, ele resolve soltar todos os internos e internar os moradores da cidade ditos normais (Cf. MACHADO DE ASSIS, 1998:40). Afinal, na sociedade de controle em que vivemos, o que é considerado sanidade ou loucura?

Considerações finais

O futuro, enquanto devir, nos escapa. No entanto, qual o homem da canoa, qual o Dr. Simão Bacamarte, qual o rio, nos prende e nos fascina. Não conhecemos seu conteúdo, mas o inédito, o imponderável, o impensado, o intempestivo é que nos move. Ele é um espaço-tempo que podemos alargar ou estreitar, enriquecer ou diminuir a existência.

O pensamento de Deleuze, entrelaçado com o de Foucault, nos ajuda a perceber essas possibilidades. Mesmo diante de uma realidade que se apresenta trágica para a maior parte da humanidade, quando não para toda ela, o tempo parece aberto à criação do novo. Apesar de tudo é preciso acreditar no mundo, na vida, nos homens e mulheres do nosso tempo. É preciso criar, imaginar e ir além da ditadura do pensamento único.

Podemos, juntamente com Foucault, Guimarães Rosa, Deleuze e Machado de Assis, abrir férteis caminhos de exercício arejado do pensamento, de resistência às opressões e de aceno à invenção de novos mundos possíveis.

Resumo: Abordaremos aqui a temática da resistência às sociedades de controle em Foucault (1926-1984) e Deleuze (1925-1995) a partir do conto *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa (1908-1967). É possível fazer diversas leituras de uma obra de arte, de um texto literário, principalmente, tratando-se de um escrito de Guimarães Rosa. Através de seus estudos Michel Foucault efetuou um amplo diagnóstico da sociedade contemporânea, particularmente sobre a loucura. Esse trabalho foi seguido por Gilles Deleuze, que realizou uma grande reflexão e atualização desse pensamento. Nesta comunicação pretendemos enfocar conceitos fundamentais desses pensadores. Os conceitos sociedades disciplinares, sociedades de controle, loucura e devir serão analisados tendo como base dois textos de Deleuze, confrontando-os com o conto de Guimarães Rosa e comparando-os, *en passant*, com o conto *O Alienista*, de Machado de Assis.

Palavras-chave: controle, loucura, devir, terceira margem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. “Controle e Devir”. In: **Conversações(1972 – 1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”. In: **Conversações(1972 – 1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O alienista**. 29ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.